

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

8

INSCRIÇÕES 30-34



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1984

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of *CONIMBRIGA* whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja

Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos

Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto “VBI ERAT LVPA”
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

LÁPIDE FUNERÁRIA DE POUSAFÓLES,
SABUGAL

(*Conventus Scallabitanus*)

Foto 30

Na parede lateral da casa paroquial de Pousafóles, ao nível da rua, existe uma lápide funerária, cuja proveniência e época de reaproveitamento se desconhece. Deve ser brevemente trasladada para o Museu Municipal do Sabugal (em formação).

A lápide é de granito de grão fino, com forte pátina, e nalguns pontos bastante erosionada, o que levou ao quase completo apagamento de alguns dos caracteres. Tem moldura simples, com ranhura exterior estreita, e ligeiramente destruída na parte superior direita. Campo epigráfico rebaixado.

Dimensões: $44,5 \times 98 \times 38$; moldura: 6,5.

Campo epigráfico: $31,5 \times 85$.

PLACIDA SCITI F(*ilia*) . AN(*orum*) IIII (*quattuor*) . / H(*ic*)
S(*ita*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*ev*is) / SCITVS . VICTORIS
F(*ilius*) . ET / AVITA QVADRATI F(*ilia*) . / ⁵ PARENTES .
F(*aciendum*) C(*uraverunt*) .

Aqui jaz Plácida, filha de Cito, de quatro anos de idade. Que a terra te seja leve. Os pais, Cito, filho de Vítor, e Avita, filha de Quadrado, mandaram fazer.

Altura das letras: 5. Espaços: 1: 0,6/1,5 (aumentando para a direita); 2 a 5: 0,6; 6: 2,5/1,6 (diminuindo para a direita).

Paginação com alinhamento à esquerda; texto ligeiramente descaindo para a direita. Os *puncti distinguentes* nem sempre foram bem utilizados, pois eram desnecessários no final da l. 1 e

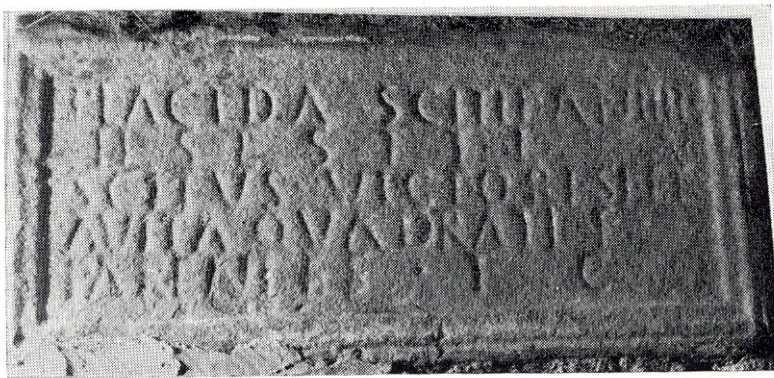


Foto 30

na l. 3 a seguir ao *cognomen*, quando podiam ter ajudado a uma melhor *ordinatio* na l. 2.

Letra capital monumental gravada em bisel. Os LL, TT, EE, FF têm travessões curtos; EE com o segundo travessão elevado e FF feitos a partir dos EE; AA com travessão alto; RR feitos a partir dos PP, com hastes oblíquas rectas; os OO são quase circulares e os QQ feitos a partir deles. Notam-se ainda alguns ápices terminais, que conferem maior elegância ao traçado.

Antroponímia latina, identificando indígenas romanizados ou talvez mesmo descendentes de libertos.

Pela paleografia, uso do nominativo e inexistência de consagração aos deuses Manes, deve ser de finais do séc. I.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

ESTELA FUNERÁRIA DE RUIVÓS, SABUGAL (*Conventus Scallabitanus*)

Foto 31

Na capela de S. Paulo, poucas centenas de metros a sul da aldeia de Ruivós (Sabugal), embutida na parede virada a norte e fazendo parte do cunhal esquerdo da fachada, a cerca de dois metros de altura, encontra-se o que resta de uma estela funerária. Está deitada sobre o lado direito, faltando-lhe parte da base e, em maior extensão, a cabeceira e a parte inicial do campo epigráfico. Deve ter sido reaproveitada no séc. XVIII, aquando da ampliação da capela, e foi certamente retirada da estação arqueológica de época romana em que está implantada aquela (e já referida nas «Memórias Paroquiais» do séc. XVIII).

Dimensões: $123(?) \times 48 \times 33$.

Campo epigráfico: restam apenas duas cartelas — a primeira com $32 \times 32/34$, e a segunda com 36×35 .

[... ...] / A[LF]IDVĒ / A[MA]E(?) L(ucii) / AMNI(i) . F(iliis)
/ CIPPV/ANI . FILL(i)/IS . S(uis) PAT(er) / (faciendum curavit)

[A (?) e] a Alfidia Ama (?), filhos de Lúcio Ânio Cipiano. Aos seus filhos, o pai (mandou fazer esta memória).

Altura das letras: l. 1: 8; l. 2: 7,5; l. 3: 8/7,5; l. 4: 8,5 (= C)/8; l. 5: 8/6; l. 6: 5,5/6.

Espaços: primeira cartela — 1: 0; 2: 2; 3: 2,5/4; 4: 3/2,5; segunda cartela — 1: 0; 2: 2/4; 3: 2/2,5; 4: 9/7.

Gravação em caracteres capitais rústicos, com influência da escrita cursiva, nem sempre utilizando o mesmo módulo. Na l. 1



Foto 31

existe a haste vertical do L, mas não a do F de que restam apenas os travessões; os AA, bem como o M, são bastante abertos, sendo o M assimétrico; na l. 5 o travessão do A foi substituído por um pequeno traço vertical; os PP são de pança bastante prolongada horizontalmente e aberta; os SS são esguios e inclinados para a direita.

Há a assinalar a redução de *-ae* a *-e*, bem como a substituição de I por V em *Alfidia* → *Alfidua* e *Cippianus* → *Cippuanus* (corruptela de pronúncia regional?). As siglas das ll. 2 e 3 devem representar uma gravação de recurso, como recuperação de um texto que pareceria incompleto: o travessão do L, bem como o

punctus e o F estão gravados sobre a moldura; esta última sigla deveria ter sido gravada a seguir a *cognomen* do pai, mas, possivelmente para evitar a repetição com o formulário que se segue, inicialmente deverá ter sido excluída: daí a sua gravação na l. 3; entre a sigla e a abreviatura da l. 6 não existe o *punctus*.

Há a assinalar a utilização do dativo e os nexos $\overline{VE}$, $\overline{AE}$ (?), $\overline{AN}$ (e possivelmente $\overline{LF}$ na l. 1). Na primeira cartela, desaparecida, além do nome do defunto, talvez existisse a consagração aos deuses Manes.

Sem qualquer inscrição existem ainda, na parte inferior, dois pares de pequenas cartelas: as duas primeiras com $9,5 \times 12$, a terceira com 12×12 e a quarta com $11,5 \times 9,5$.

Trata-se certamente de uma família indígena profundamente romanizada, que, além da adopção da antroponímia latina, utilizava já os *tria nomina*. Esta antroponímia, pouco vulgar na região é no entanto conhecida nas regiões Emeritense, Gaditana e Tarraconense: *Alfidia* — ILER 4118 (= CIL 5258) (Mérida), ILER 2761 (Badajoz), ILER 2902 (Cádiz); *Alfidius* — ILER 1311 e 5816 (= CIL 4122 e 4137) (Tarragona); *Cippianus* — ILER 2959 (= CIL 1874) (Cádiz).

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

ARA VOTIVA DE OUGUELA, CAMPO MAIOR
(*Conventus Pacensis*)

Foto 32

A presente ara votiva apareceu em Ouguela (Campo Maior), cerca de 1961, altura em que a Sr.^a Dr.^a Lourdes Loução, de Lisboa, a fotografou. Foi graças a essa fotografia, generosamente posta à minha disposição pela sua autora, que conheci a existência do monumento.

Com o fim de a estudar directamente e de precisar o local e condições em que tinha aparecido, desloquei-me a Ouguela onde falei com os seus achadores. A ara tinha aparecido quando se arava com um tractor na Herdade da Defesinha, a perto de 4 km para norte de Ouguela, junto à margem esquerda do rio Xévorá, afluente do Guadiana. Foi utilizada durante alguns meses como contrapeso do tractor, após o que foi vendida pelo achadores a uma pessoa que afirmam desconhecida na zona. A ara deve assim encontrar-se em alguma colecção particular, em território português ou espanhol.

A impossibilidade do estudo directo e a inexistência de uma boa fotografia levam-me a que não edite a epigrafe mas dela faça apenas uma simples notícia, procurando assim evitar que quando for finalmente acessível a um epigrafista, não se tenham perdidos o local e as condições do seu achamento.

Em mármore branco, a ara deverá ter cerca de 80 cm de altura por 35 cm de largura. Tem um fôculo bem marcado, ladeado por dois toros. O capitel está separado do fuste por uma moldura quadripartida, em escada, aparentemente talhada nas quatro faces. Um simples ressalto separa o fuste da base.

O campo epigráfico distribui-se em quatro linhas por toda a face do fuste. As duas primeiras, totalmente em abreviaturas, são



Foto 32

facilmente legíveis; a terceira é de difícil interpretação, não só por o fuste se encontrar danificado à esquerda e à direita, mas também por algumas ervas terem ficado à frente das letras, tornando a sua leitura muito problemática. Na última linha apenas parecem estar escritas duas letras, com uma paginação muito deficiente.

A fotografia que ilustra esta notícia é uma ampliação da fotografia colorida, feita em 1961 pela Dr.^a Lourdes Loução.

Q(...) . P(...) . D(eae) . S(anctae) . [T(urubrigensi)] / V(otum) .
Q(uod) . F(ecit) . A(nimo) . L(ibens) . [P(osuit)] / ... / E(x) . M(onitu) .

A epígrafe abre com o nome do dedicante em abreviaturas, com *tria nomina* mas sem indicação de filiação ou tribo; segue-se-lhe, ainda na primeira linha, a divindade a quem foi dedicada: *dea sancta* convém a *Ataecina Turibrigensis Proserpina*, em cuja área de culto se encontra Ouguela⁽¹⁾; a existência de espaço para apenas mais uma letra levou-me a escolher o epíteto geográfico, por paralelo com as inscrições ILER, 733 e 740. Na segunda linha, a pouco comum fórmula consagratória tem também paralelo numa inscrição dedicada a Prosérpina (ILER, 409), talvez proveniente de Vila Viçosa e ainda curiosa por ter *quot* por *quod*.

Na terceira linha deverão estar indicadas as oferendas ou modo como foram feitas e, finalmente, a última linha esclarece-nos que a dedicatória foi originada por inspiração divina.

A. M. DIAS DIOGO

⁽¹⁾ L. de VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, vol. II, Lisboa, 1905, p. 158-161.

UNA ARA DE VALDEARCOS (TARAZONA)
(*Conventus Caesaraugustanus*)

FOTOS 33.A e B

El monumento fue encontrado por la Sección de Arqueología del Centro de Estudios Turiasonenses, en cuyo gabinete se encuentra depositado. Se localizó el término denominado *Valdearcos* cuyas coordenadas son: Lat. N. 41° 54' 20" y Long. E. 1° 54' 50". Según hoja 320 (1:50 000) del Instituto Geográfico del Ejército. Perteneció al término municipal de Tarazona (Zaragoza).

La inscripción está trabajada toscamente en piedra arenisca. Su forma irregular tiende a ser rectangular.

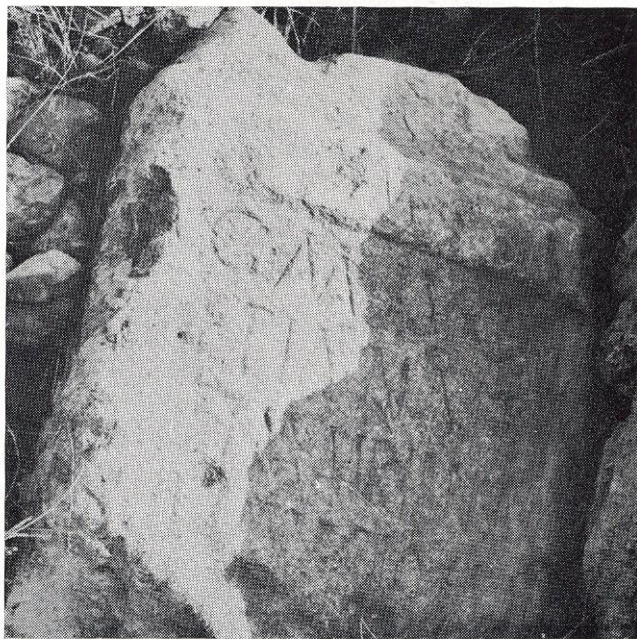


FOTO 33.A

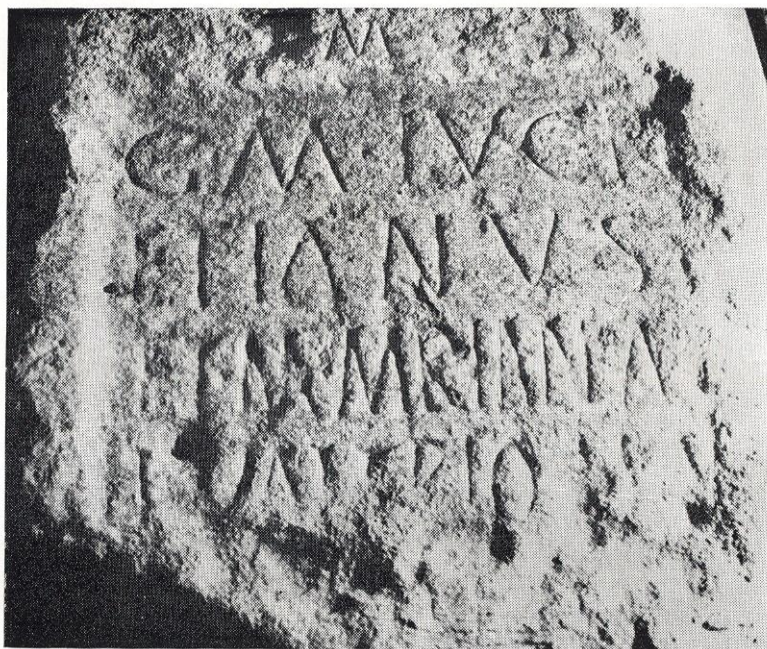


Foto 33.B

Dimensiones: $55 \times 42 \times 22$ (aprox.).

Campo epigraico: 30×24 .

[D(is) .] M(anibus) . S(acrum) / G(aius) . [M... (?)] LVCR/
ETIANVS / ET. MA(riva?) . MARIANA / L(ucio) VALERIO(?)
[M...?] / [...]?

Altura de las letras: 5 cm. Salvo la M del recuadro que mide 4 cm.

Posiblement sea una lapida funeraria tardia. Su hallazgo pueda estar relacionado con *villae* tardoromanas localizadas en la zona. Aunque tampoco podemos descartar su entronque con la via de Turiasso a Augustobriga que se sitúa muy cerca.

I. JAVIER BONA LÓPEZ

INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE VILA NOVA DE OURÉM

(*Conventus Scallabitanus*) *

Foto 34

Cipo funerário, de mármore rosado, formato paralelepípedo, encontrado em Fevereiro de 1983, na antiga igreja de Rio de Couros, freguesia de Rio de Couros, concelho de Vila Nova de Ourém. Estava entre os escombros provenientes da demolição daquela, cobrindo-o uma camada de cal; provavelmente faria parte integrante do edifício. Actualmente, espera-se a sua entrada no Museu Didáctico do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Sem campo epigráfico limitado, o monumento apresenta-se trabalhado nas duas faces laterais, além da face dianteira, ocupada em $\frac{2}{3}$ pela inscrição. Pela reutilização do cipo, o campo epigráfico encontra-se um pouco destruído, nomeadamente na metade superior, onde se encontra um sulco aberto e quase toda a largura do monumento. A acção da cal sobre o mármore terá, ainda que parcialmente, destruído alguns dos caracteres. Com escoriações nas arestas, o cipo parece ter sido partido na base, sendo o topo superior, tal como o inferior, irregular e apresentando-se

* Também proveniente deste concelho é a inscrição n.º 73 do CIL II, inserida no capítulo das inscrições de origem incerta do «Museu de Cenáculo». O epitáfio, que se encontra actualmente no seminário de Leiria, é apresentado como originário da capela de «Nossa Senhora de Rio de Couros» por vários autores:

ALVIM, João, *Estudos subsidiários para uma monografia de Ourém*, in «Notícias de Ourém», de 25-8-63 a 1-12-63.

ELYSEU, José das Neves Gomes, *Esboço histórico do concelho de Villa Nova de Ourém*, Lisboa, 1868, p. 5-6.

D. GILBERTO, bispo de Leiria, carta escrita em Fevereiro de 1767.

LEAL, Pinho, «Portugal Antigo e Moderno», art. Ourém, p. 325.

PEREIRA, Luiz Leite, *Collecção de noticias manuscritas*.

Portanto, o referido monumento, com o presente trabalho, fica desde já integrado no seu verdadeiro contexto histórico-arqueológico.

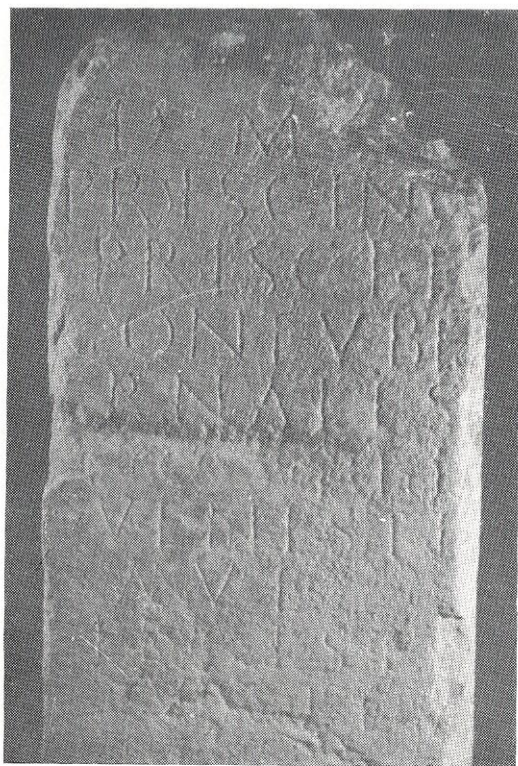


Foto 34

com uma falha num terço da sua largura, onde se situaria o «S» da fórmula inicial. Assim, é possível que o campo epigráfico se prolongasse no sentido do comprimento, para ambos os lados.

Dimensões: $100 \times 41 \times 31$.

Face epigrafada: 100×41 .

D(is) . M(anibus) . S(acrum) / PRISCINO / PRISCI . F(ilio) /
CONTVBE / ⁵ RNALES / F(aciendum) . C(uraverunt) . S(it) . T(ibi) .
T(erra) . L(evis) / VENISTI / AVE / LEGISTI / ¹⁰ VALĒ

Consagrado aos deuses Manes. A Priscino, filho de Prisco, os seus colegas mandaram fazer — que a terra te seja leve. Salvé, tu, que chegaste! Tu que leste passa bem!

Altura das letras: l. 1: 5; l. 2 a 4: 4,8; l. 5 e 6: 4,7; l. 7 e 8: 4,5; l. 9 e 10: 4,3. Espaços: 1: 4,5; 2 a 6: 1,3; 7: 1,5; 8 a 10: 1,4; 11: 37.

A paginação foi executada segundo um eixo de simetria, pelo qual não se conseguiu um total alinhamento à direita. Assim, as l. 8 e 10 estão deslocadas à esquerda das outras, a fim de concretizar o alinhamento simétrico pela igualdade de letras de ambos os lados do eixo do campo epigráfico. Pontuação por pontos triangulares, bem visível na l. 3.

O monumento destinar-se-ia possivelmente a ser visto por três lados, já que a parte traseira foi deixada em tosco. A não ser as duas últimas linhas, o texto não oferece dificuldades de reconstituição. Há, no entanto, na l. 6, uma dúvida quanto à letra «F», da qual só se vê o arranque da haste vertical. Poderia assim tratar-se de um «P», de «P(*onendum*)», em vez de um «F». Optámos por este por nos parecer o que melhor se enquadrava no texto. Quanto ao «S» da fórmula inicial, não temos dúvidas quanto à sua existência, porque, além de a disposição da parte visível daquela no campo epigráfico nos levar a tal dedução, pode ver-se ainda a parte inferior da letra por onde a pedra teria partido. Nota-se sucessivamente ao longo da paginação um ligeiro decréscimo no tamanho das letras, a tal ponto que as últimas linhas apresentam caracteres visivelmente bem mais pequenos que as primeiras.

Os caracteres, muito regulares, são monumentais quadrados: o «D» muito largo; o vértice interior do «N» e «M» ao nível da sua linha inferior; o «P» não é fechado; o «R» é feito a partir do «P»; o «A» não tem barra ao meio; as alças do «B» são assimétricas; as hastes verticais, nomeadamente do «I», são bem demarcadas e perfeitamente acabadas.

Onomasticamente só nos aparecem os dois cognomes de duas pessoas. A identificação é, assim, feita à maneira indígena com cognome mais o patronímico.

É mais um *Priscus* que se vem juntar aos já muitos existentes no mundo romano⁽¹⁾, e que aparece com alguma frequência na epigrafia romana ibérica. Menos frequente é o outro antropó-

(²) Segundo Kajanto, aparecem 1269 exemplares no mundo romano (*The Latin cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 30).

nimo que o epitáfio nos apresenta, e que se formou a partir do cognome do pai. Poderemos, assim, aventar a hipótese de que *Priscino* seria, segundo a regra, o terceiro filho daquele⁽²⁾.

Interessante, ainda, é o dedicante que aparece designado de uma forma não muito frequente⁽³⁾. Em grande parte dos casos é um ou mais entes queridos do defunto que dedicam a inscrição é que se identificam dando a conhecer o seu grau de parentesco com o morto. Neste caso concreto não há essa definição tão precisa do dedicante. Há apenas um termo bastante amplo que engloba vários dedicantes que conviviam com o homenageado, possivelmente colegas de trabalho, que, sensibilizados pela morte de um dos companheiros, resolveram dedicar-lhe o epitáfio.

Mas, o que existe de mais curioso na inscrição é precisamente a fórmula final, relacionada com o transeunte, não muito documentada no mundo romano e praticamente inexistente na epigrafia ibérica⁽⁴⁾. Fórmula importantíssima para o estudo das mentalidades, documenta bem a ilusão de vida, a insistência por parte do defunto em continuar a partilhar do mundo dos vivos: depois de saudar a chegada de um transeunte junto ao sepulcro, o defunto despede-se com nova saudação daqueles que leram o texto, seu elo de ligação com a sociedade dos vivos.

Pela tipologia do monumento e pela paleografia, o cipo parece posterior à segunda metade do século II.

JOÃO COSTA

(2) Pode encontrar-se um caso semelhante, bem evidente, no A.P. XIX, 1914, p. 336-341 e em CIL II 267.

(3) Podem ver-se, a este respeito, as páginas 425-426 do ILER. Os exemplos apresentados estão, no entanto, no singular, referindo-se apenas a uma pessoa, geralmente o companheiro (conjugal) do homenageado.

(4) CAGNAT, R., *Cours d'épigraphie latine*, 4.^a ed., Paris, 1914, p. 286. Para a Península Ibérica podemos ver tipos de saudação iguais em ILER, p. 368-370: esta saudação documenta-se em ILER 3834 e 3835.